nara roesler

50

a pintura em movimento

curadoria ariel jiménez

sexta e última exposição
do ciclo de mostras em
celebração aos 50 anos
de atuação de Nara Roesler
como galerista.

nara roesler são paulo
abertura 12 de novembro
exposição nov 2026 – jan 2027



nara roesler

50

“De 1976 a 2026, de Recife a São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Londres ou Hong Kong, Nara Roesler construiu uma cartografia simbólica marcada por transformar periferias em centro, resgatar artistas e revelar novos talentos.

Para comemorar sua trajetória, a galerista ativa seus espaços em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York com exposições coletivas temáticas, em diálogo com curadores convidados como Moacir dos Anjos, Agnaldo Farias, Magali Arriola, Vik Muniz, Ariel Jimenez e Bernardo Mosqueira.

As mostras abordam eixos centrais de sua trajetória: o diálogo com a arte brasileira além dos polos dominantes, o apoio a nomes históricos, o investimento na abstração, a abertura ao contemporâneo internacional e a ampliação da presença global da arte brasileira.”

—Luís Pérez-Oramas

ariel jiménez
a pintura em movimento

Sugerir o movimento, dotar os corpos daquilo que faltava à pintura e à escultura, tem sido uma aspiração milenar, mas somente nos tempos modernos se tornou uma urgência, porque uma invenção assombrosa transformava nossas vidas: a máquina. A relação do indivíduo com seu entorno se transformava, e os artistas sentiram a urgência de registrar essas transformações em sua obra. A pintura, a escultura, o próprio poema quiseram deixar testemunho desse impacto. O final do século XIX e a primeira metade do XX foram um momento culminante dessa tentativa. As maneiras de fazê-lo, as estratégias empregadas, foram muitas, e seus resultados variaram em eficácia. Dos primeiros experimentos futuristas às máquinas bem-humoradas e irônicas de Tinguely, o movimento e a máquina marcaram a estética do século XX e deixaram uma herança que muitos jovens artistas exploraram e ainda exploram com as mais diversas intenções; alguns celebrando as invenções do século, outros deixando testemunho de seus temores. As técnicas e os materiais empregados, suas estratégias para alcançar o movimento, o tipo de movimento obtido, tudo isso é significativo nessas obras e diz alguma coisa. É preciso aprender a lê-lo.

A *pintura em movimento* é uma exposição que nos coloca diante de algumas das estratégias empregadas pelos artistas modernos e contemporâneos para fazer do movimento uma ferramenta semântica, uma fonte de sentido e de emoção para o público. Todos os artistas selecionados, no entanto, têm um ponto em comum: recusam-se a produzir obras que recorram às ilusões tradicionais da pintura, aquelas que buscam imitar corpos em movimento, como pretendeu fazer, por exemplo, Giacomo Balla em *Dinamismo de um cão na coleira*, de 1912. Em vez disso, buscam seja um dinamismo puramente óptico por meio de contrastes cromáticos e formais, à maneira de Julio Le Parc em *Ambivalence*, de 1959/1988, ou de Heinz Mack em *Color in Motion*, de 2012, seja um movimento real, produzido por motores e engrenagens, como fez com êxito Abraham Palatnik em seu *Objeto cinético*, de 1968/2006. Há também obras que exigem que seja o próprio observador a se deslocar diante delas, à maneira de Carlos Cruz-Diez com sua *Physichromie 526*, de 1970, ou que empregam até mesmo a força da gravidade terrestre, como Amelia Toledo em *Om*, de 1982. Para isso, criamos duas seções na exposição: Tensões e Forças ativas. Cada uma reúne obras modernas e contemporâneas, testemunhando uma longa história de tentativas de introduzir o tempo na obra de arte.

O fato é que o movimento constitui uma herança impossível de negar no século XX e nos anos já transcorridos do século XXI, e hoje faz parte das ferramentas utilizadas por inúmeros artistas contemporâneos para expressar seu entusiasmo ou seus temores, pois a eletricidade e a máquina transformaram e continuam transformando nossas vidas, tanto na esfera pública quanto na privada.

tensões

Para sugerir o tempo e o movimento em um corpo inerte, como o da pintura e o da escultura, muitos artistas tentaram criar tensões visuais. Para isso, recorreram a ferramentas muito diversas: às vezes, produziram contrastes formais e cromáticos que faziam a tela vibrar diante de nossos olhos, como fizeram Julio Le Parc e Carlos Cruz-Diez. Em outras ocasiões, criaram situações que pareciam exigir uma continuidade que não se concretizava na obra, como fazem Lucia Koch e Andrés Michelena, que criam situações semelhantes àquela concebida por Michelangelo na Capela Sistina, quando o dedo de Deus está prestes a tocar o dedo do homem, sem que aquilo que a pintura sugere se concretize na imagem.

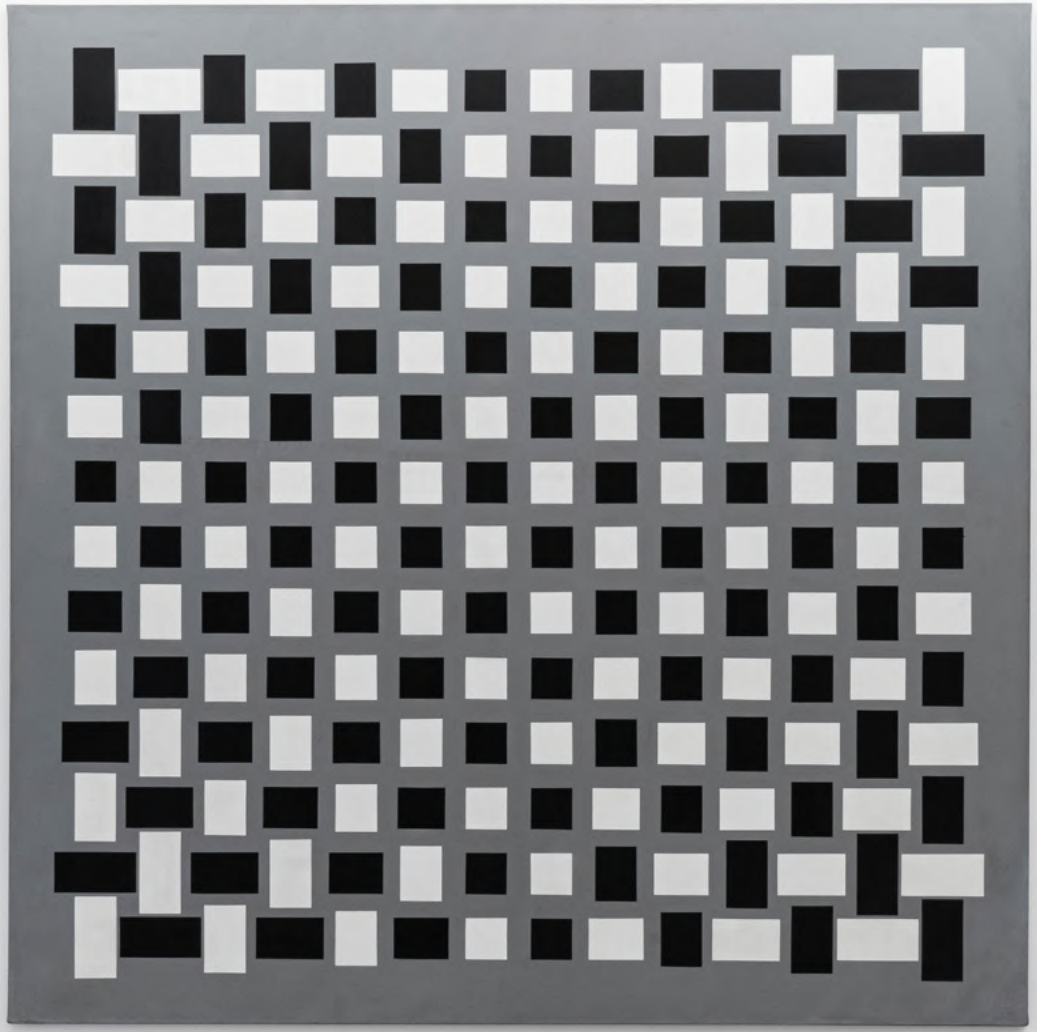
forças ativas

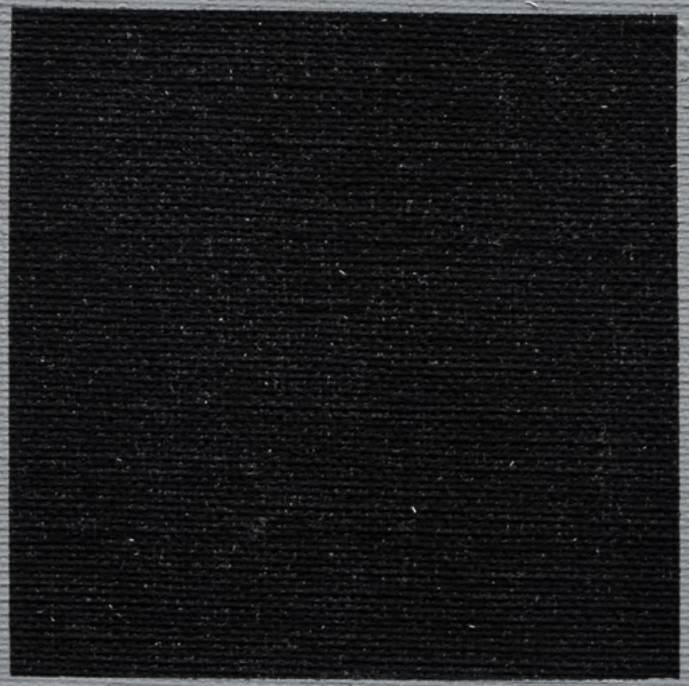
A máquina não apenas transformou nossa vida cotidiana, mas também se tornou um modelo para numerosos artistas que quiseram produzir uma obra de seu tempo. As forças empregadas nessa tentativa foram diversas. Alguns recorreram diretamente à eletricidade e ao motor, como Abraham Palatnik e muitos artistas cinéticos; outros se valeram de forças naturais, como a gravidade, e conseguiram fazer com que suas obras se movessem de fato, como Amelia Toledo, Jose Dávila e Raul Mourão. Outros ainda recorreram ao próprio corpo do observador, fazendo com que seu deslocamento provocasse a vibração das obras, como Carlos Cruz-Diez e Jesús Soto. Todos, de uma forma ou de outra, deixaram sua marca em uma época na qual a máquina ditava o ritmo da vida humana.

“Declaramos que o esplendor do mundo
se enriqueceu com uma nova beleza:
a beleza da velocidade.”

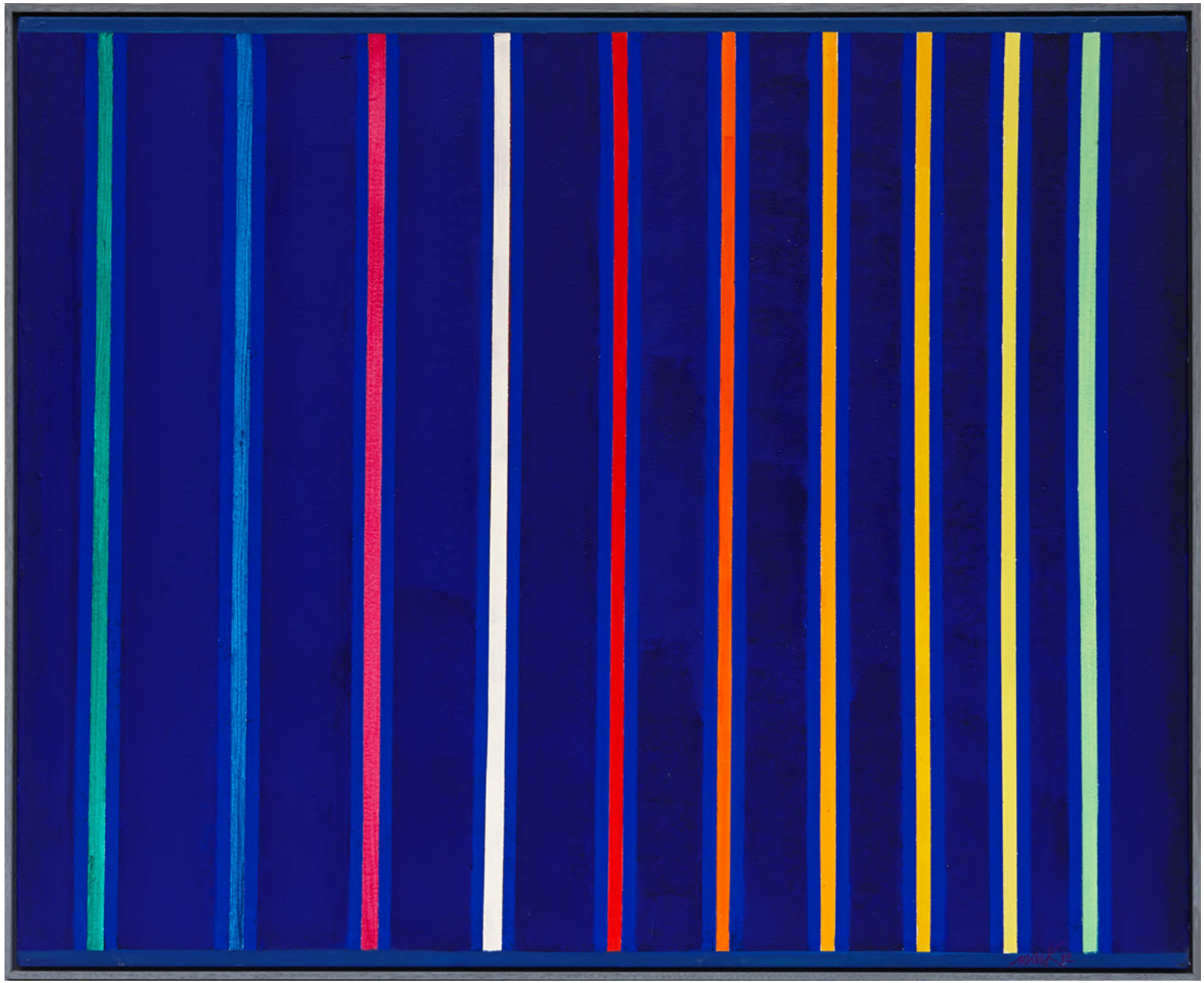
— Filippo Tommaso Marinetti

Julio Le Parc
Ambivalence, 1959/1988
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 cm







Heinz Mack
Color in motion (Chromatic Constellation), 2012
tinta acrílica sobre tela
130 x 160 cm



Lucia Koch
Selfportrait, 2022
projetores, canhão refletor,
géis, tripés e cabos
180 x 350 x 40 cm

Jac Leirner
Tools, 2017
plástico
62 x 140 cm



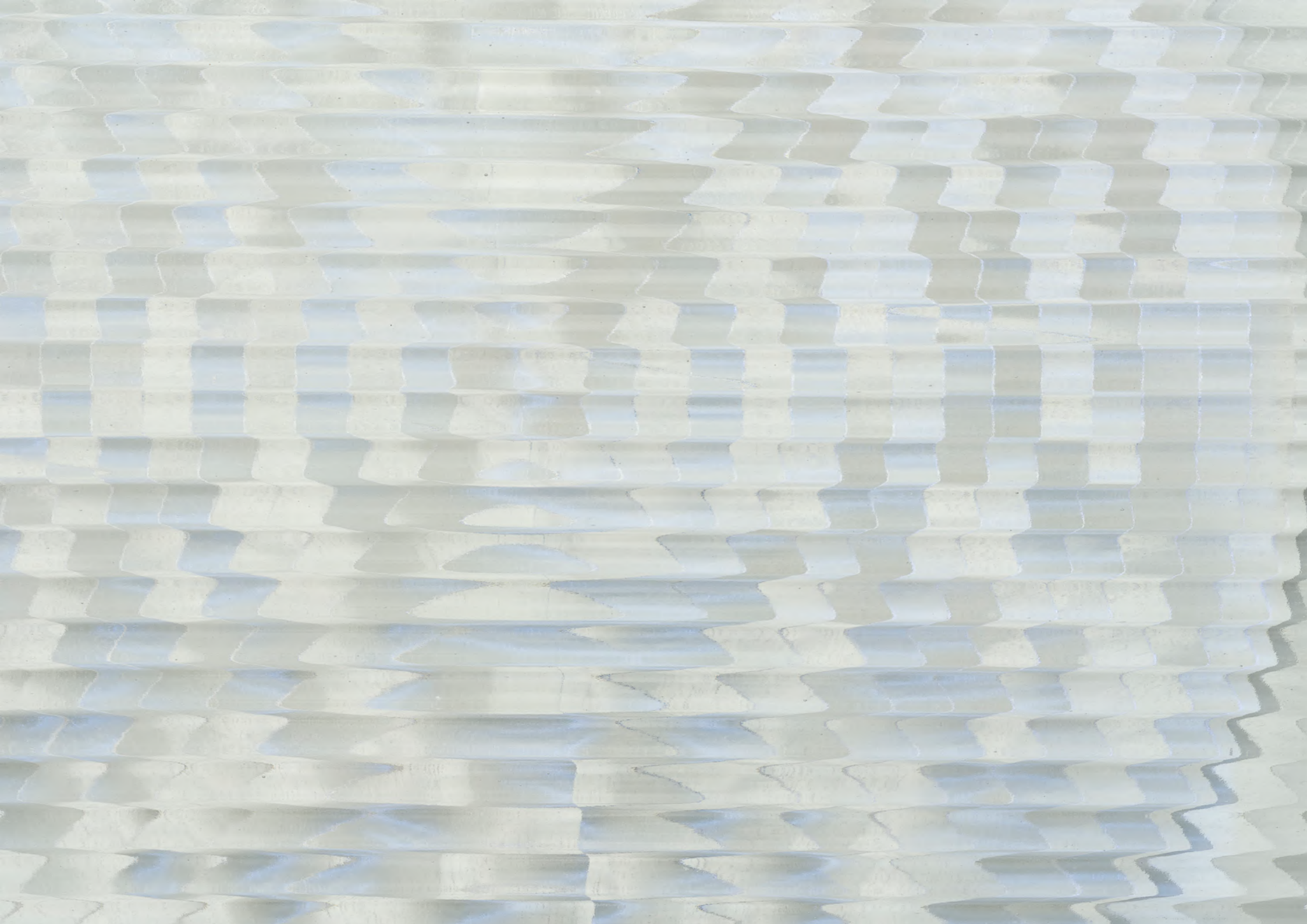
LYRA

“Em nossa sociedade, a sociedade moderna, que tem a máquina como deus, não temos nenhuma segurança em que possamos nos apoiar.”

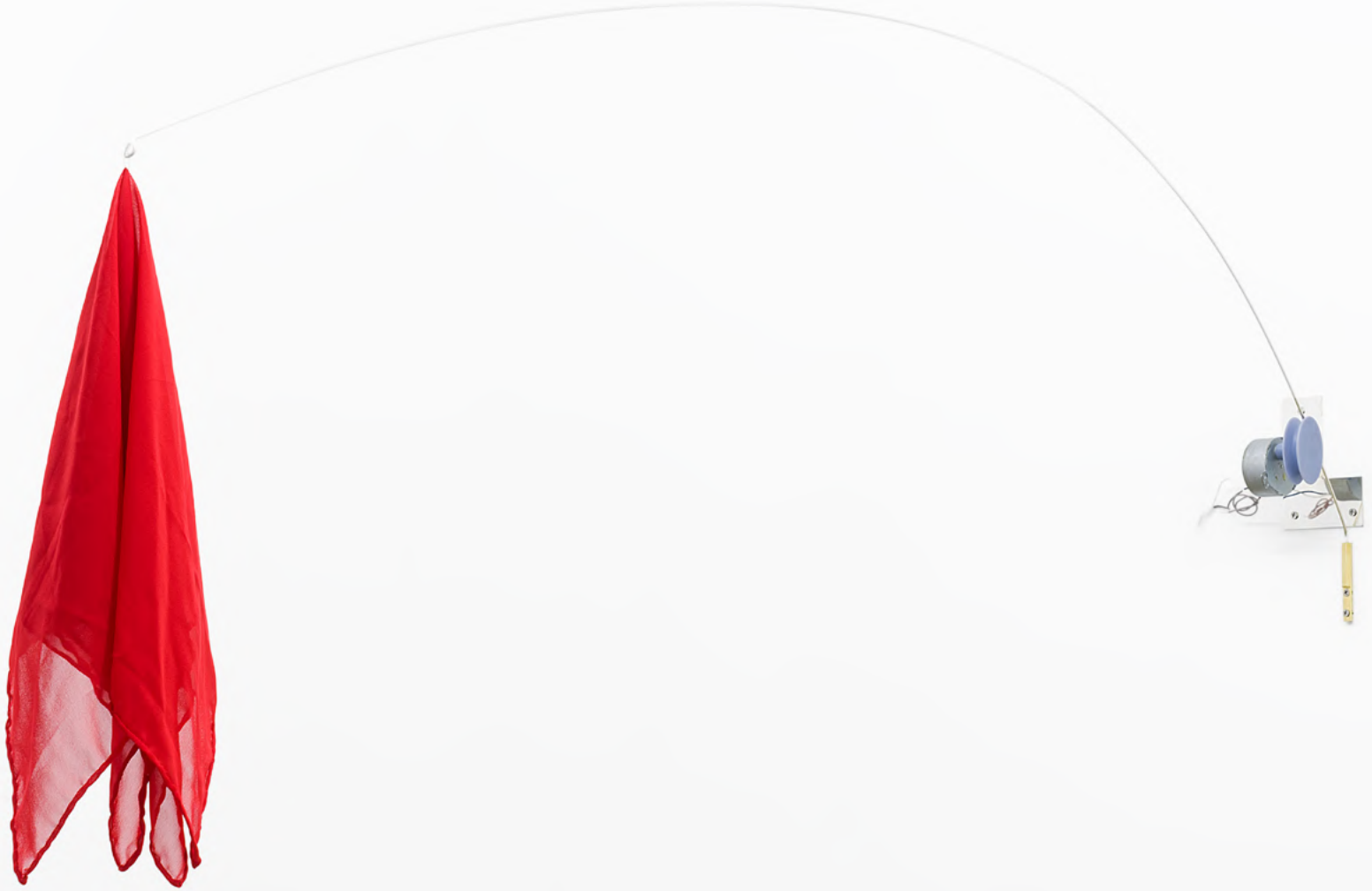
— Jean Tinguely

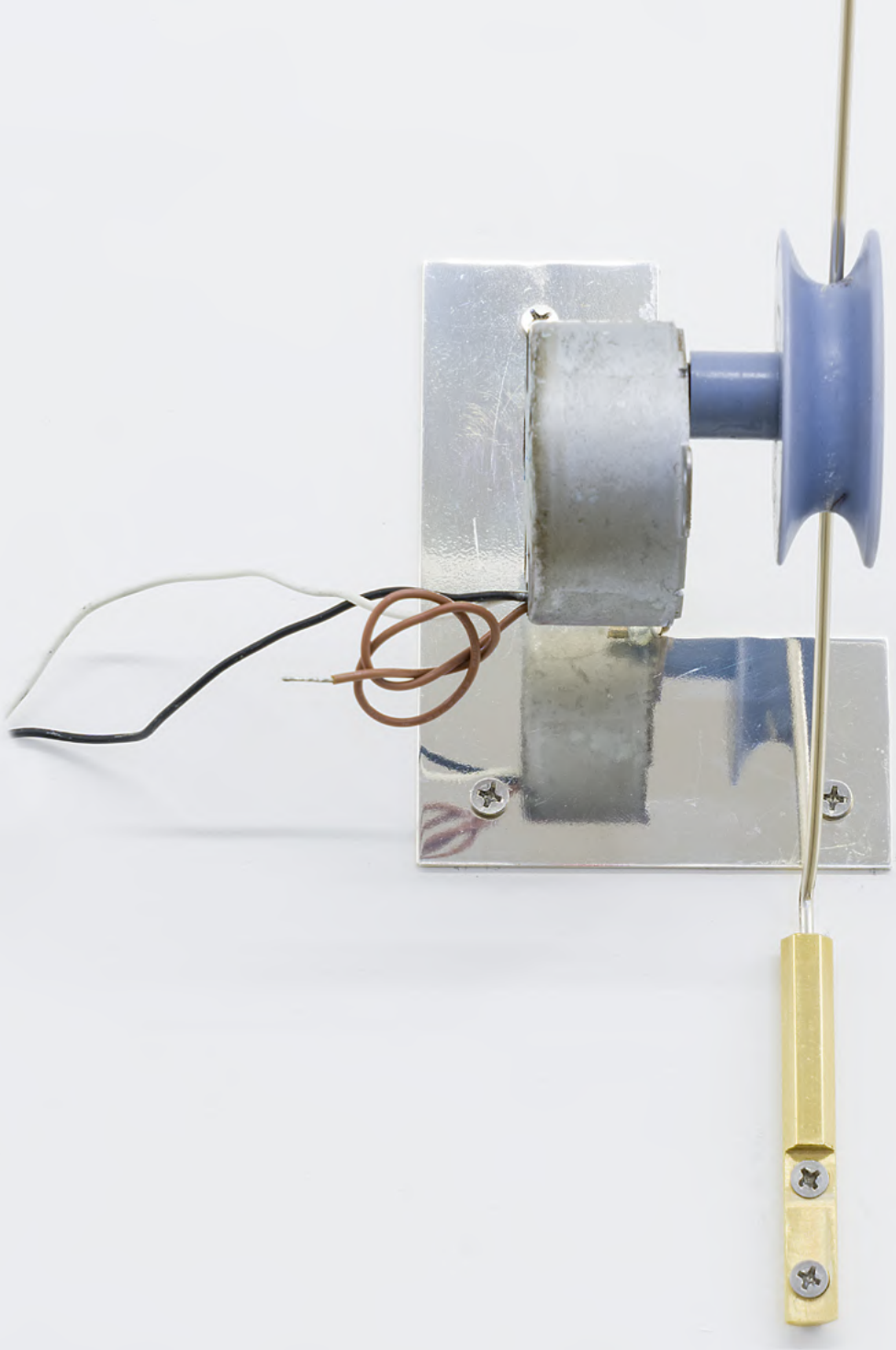
Heinz Mack
Sem título, 1971/2004
metal, vidro ondulado, aço
inox, madeira e motor
53 x 53 x 14 cm





Laura Vinci
Rouge (série Maquinamata), 2022
seda, ferro banhado a ouro e motor
edição de 5 + 2 PA
aproximadamente 80 x 13 x 134 cm





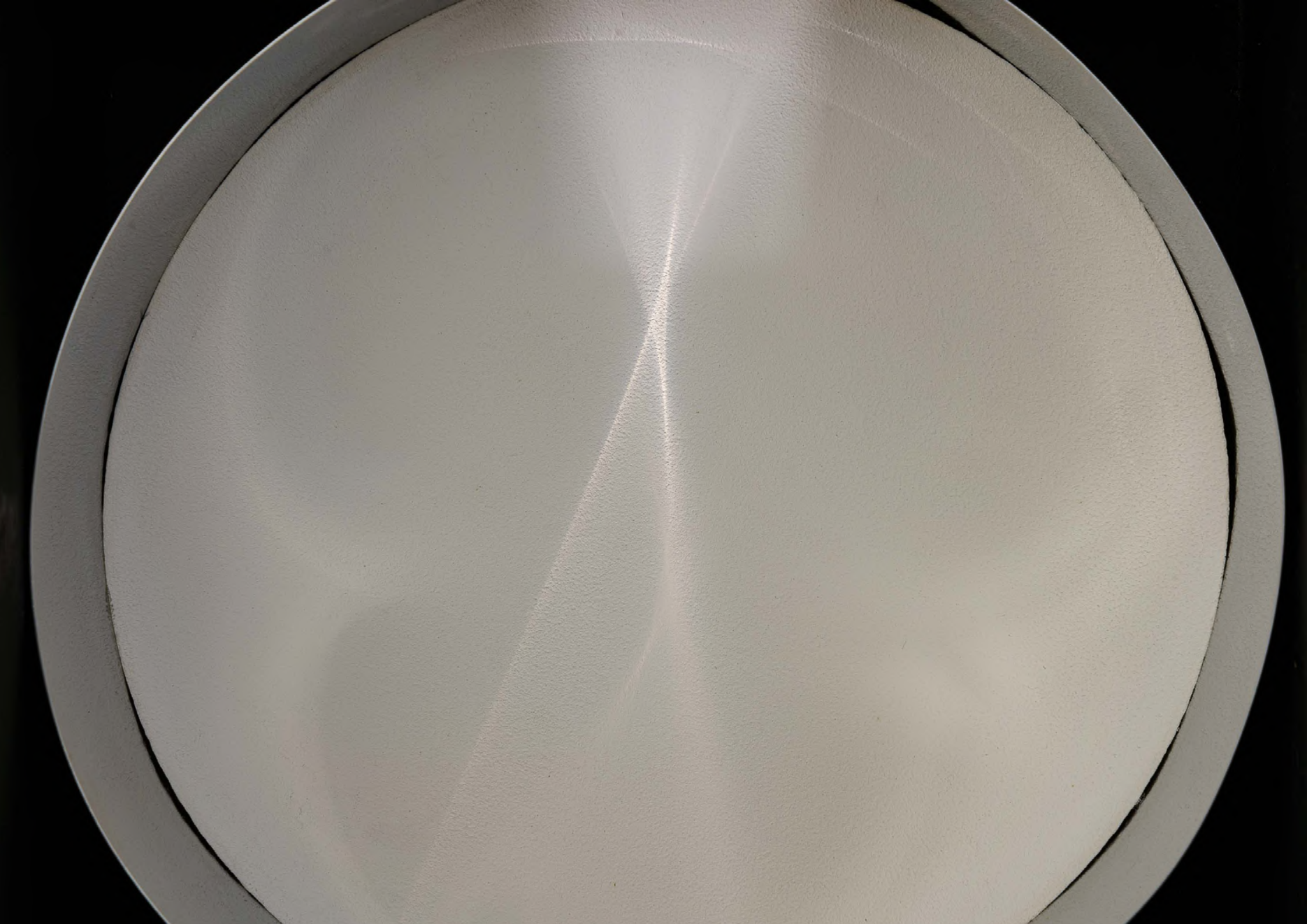


Lucia Koch
Una, 2022
impressão de pigmento
em papel de algodão
edição de 3 + 1 PA
182 x 160 cm

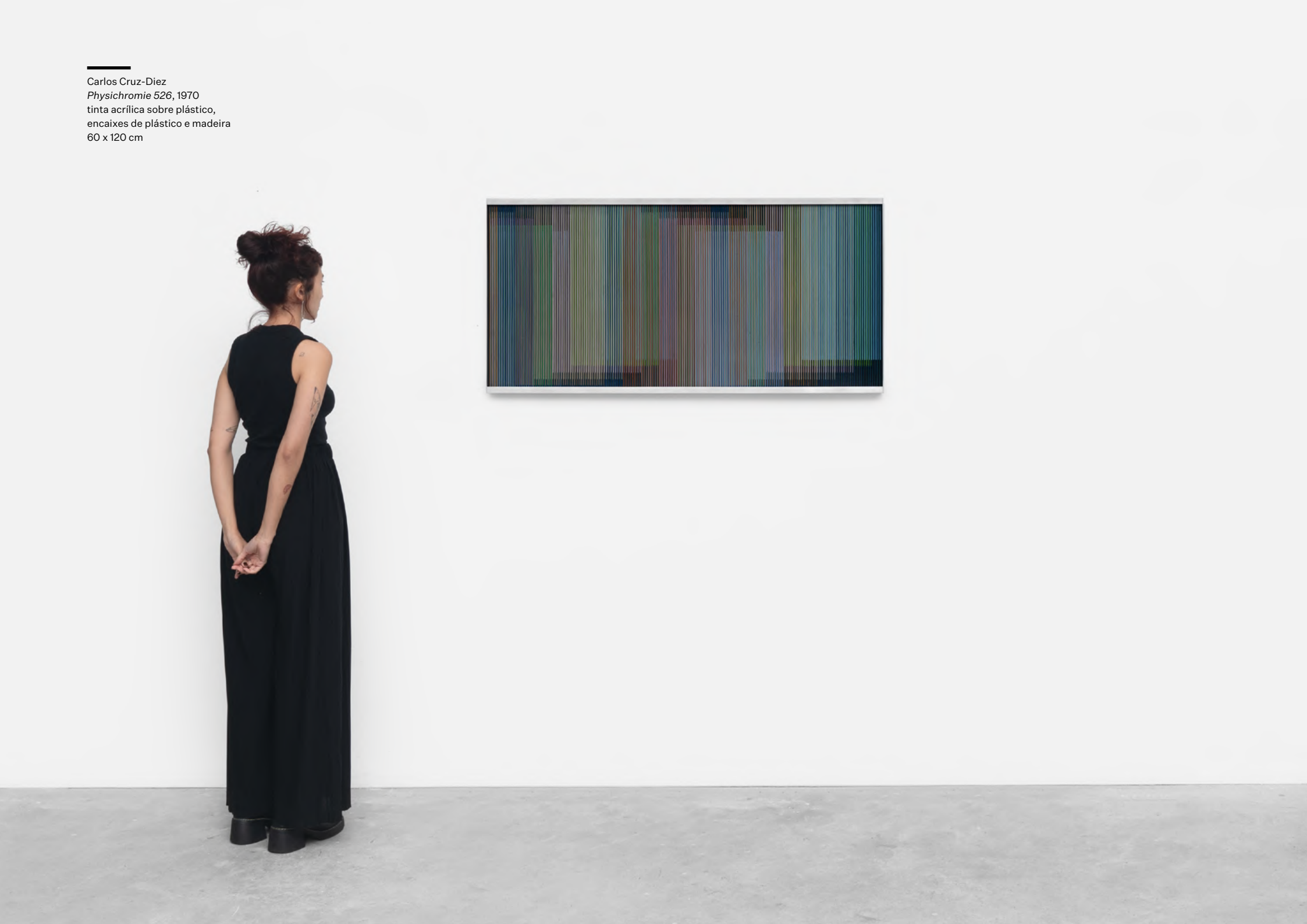


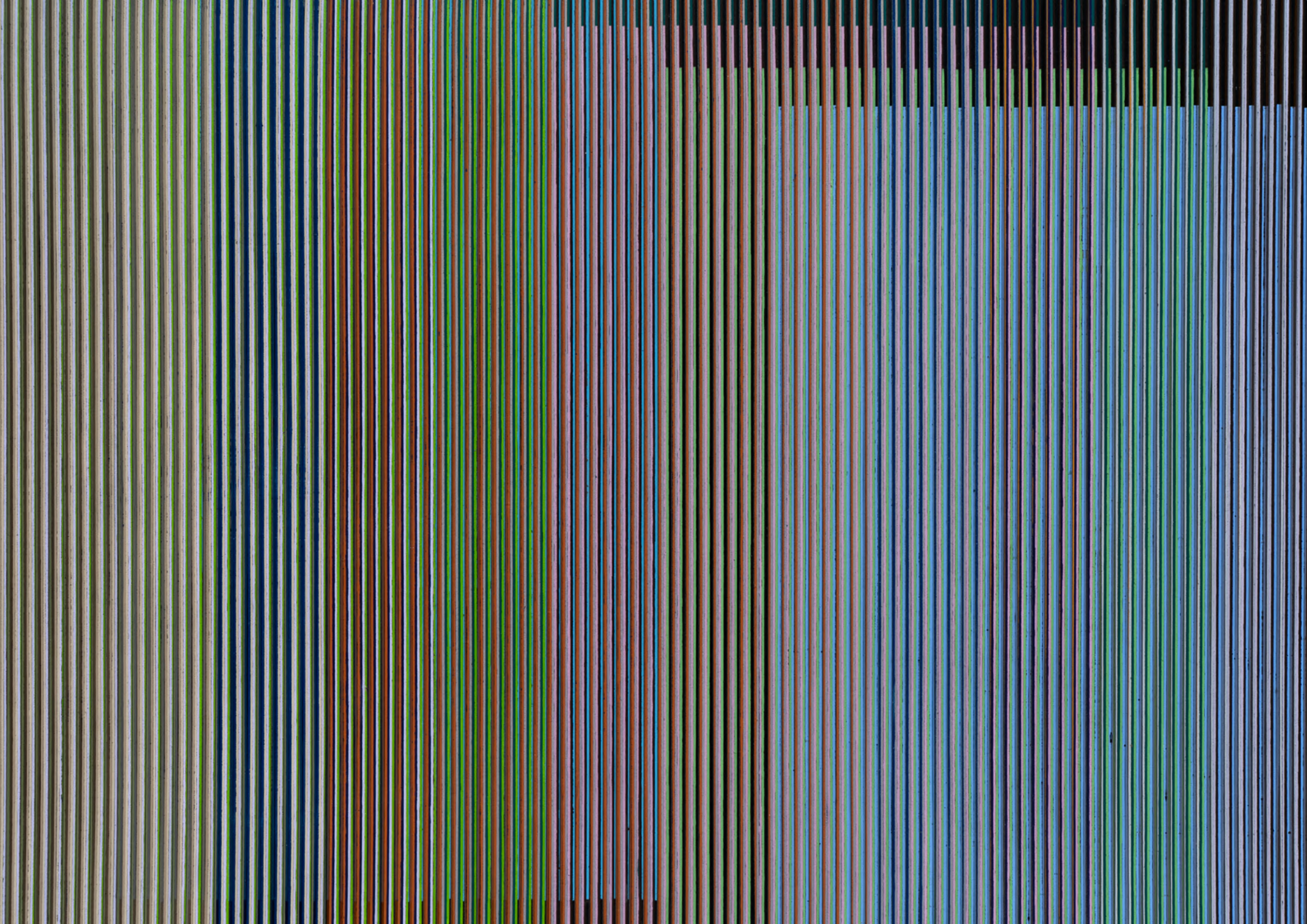
Julio Le Parc
Continuel-lumière-cylindre, 1962/1997
madeira, motor e luz
47,5 x 30,5 x 14 cm





Carlos Cruz-Diez
Physichromie 526, 1970
tinta acrílica sobre plástico,
encaixes de plástico e madeira
60 x 120 cm





“Utilizo sistematicamente o acaso,
porque o acaso introduz a liberdade
no maquinismo. Sou irônico em relação
ao maquinismo de nossa época.”

— Jean Tinguely

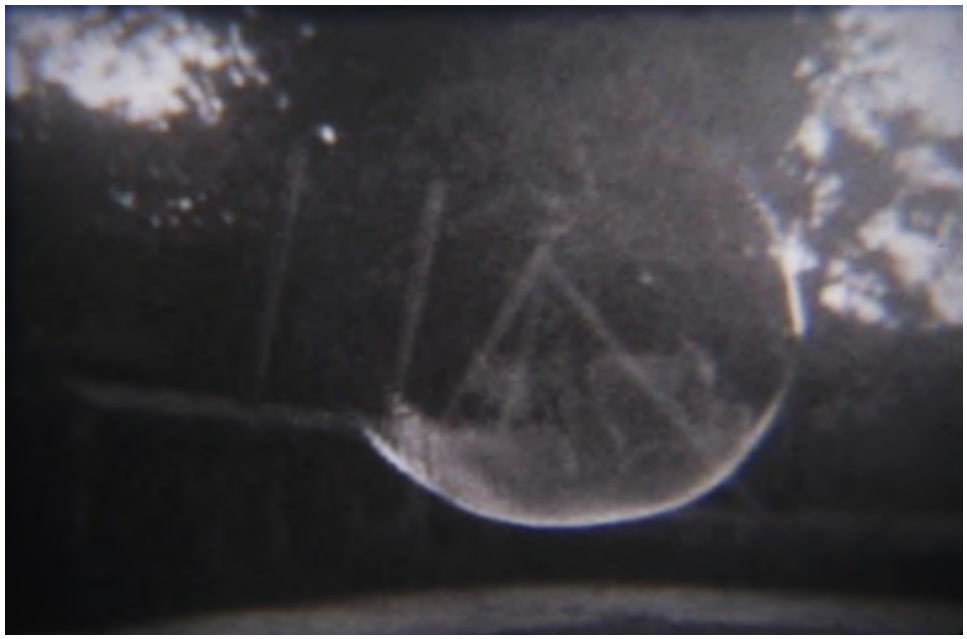
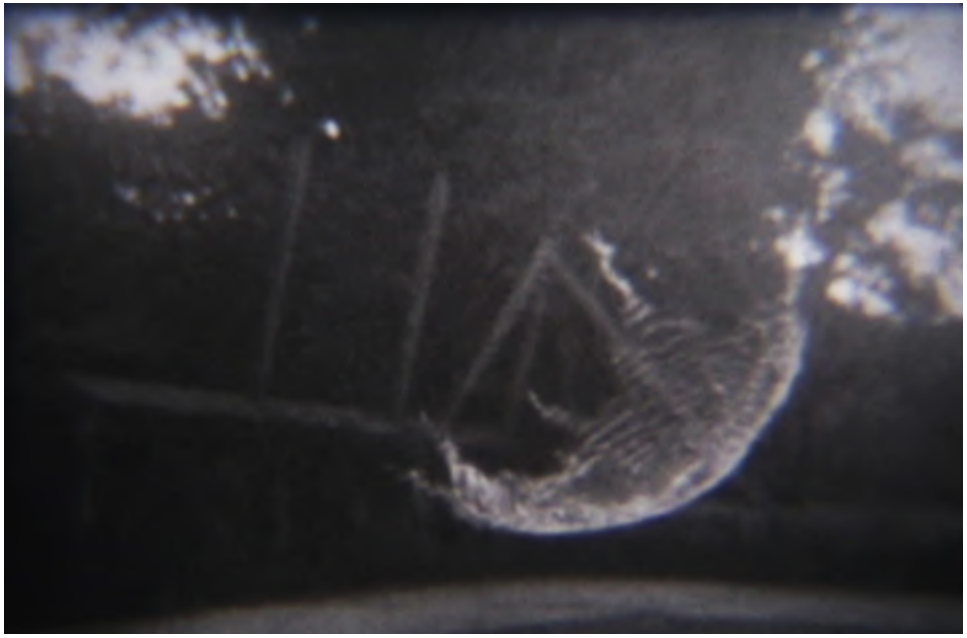
Raul Mourão
Casco, 2019
aço 1020 com resina
sintética e garrafa de vidro
unique
38,5 x 50 x 15 cm







Cao Guimarães
e Rivane Neuenschwander
Sopro, 2000
formato de filmagem:
super 8 | formato de exibição: DV
5’30’’




Abraham Palatnik
Objeto cinético, 1968/2006
madeira, fórmica, ímãs,
metal, motor e tinta industrial
203 x 115 x 41 cm



“O mundo corre em
direção à intensidade.
A velocidade é a lei atual.”
— Fernand Léger

Amelia Toledo
Om, 1982
chapa de aço inox
espelhado e recortado a fogo
80 x 100 cm



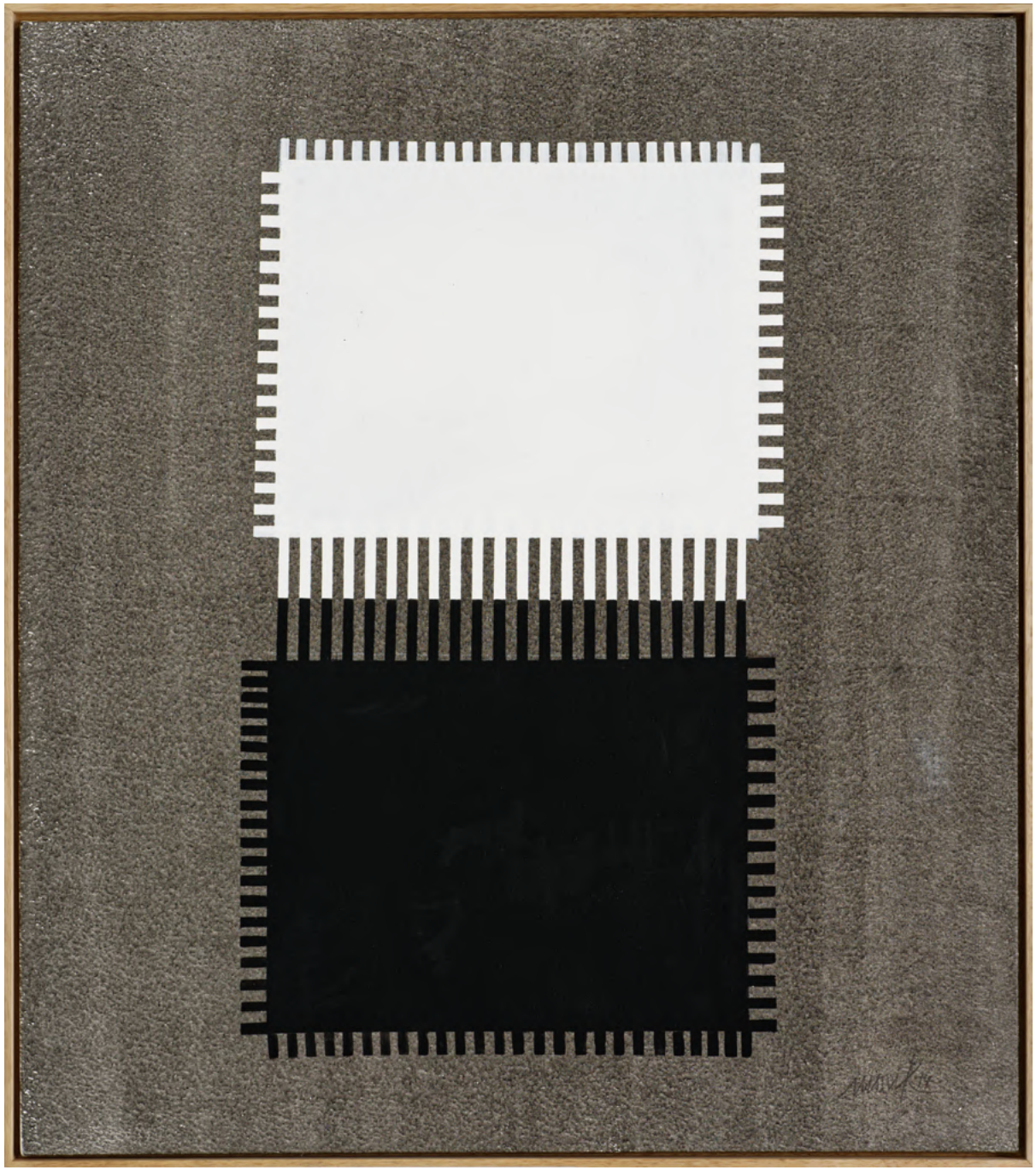


Abraham Palatnik
Aparelho Cinecromático, 1969/1986
madeira, metal, tecido sintético,
lâmpadas e motor
112,5 x 70,5 x 20,5 cm





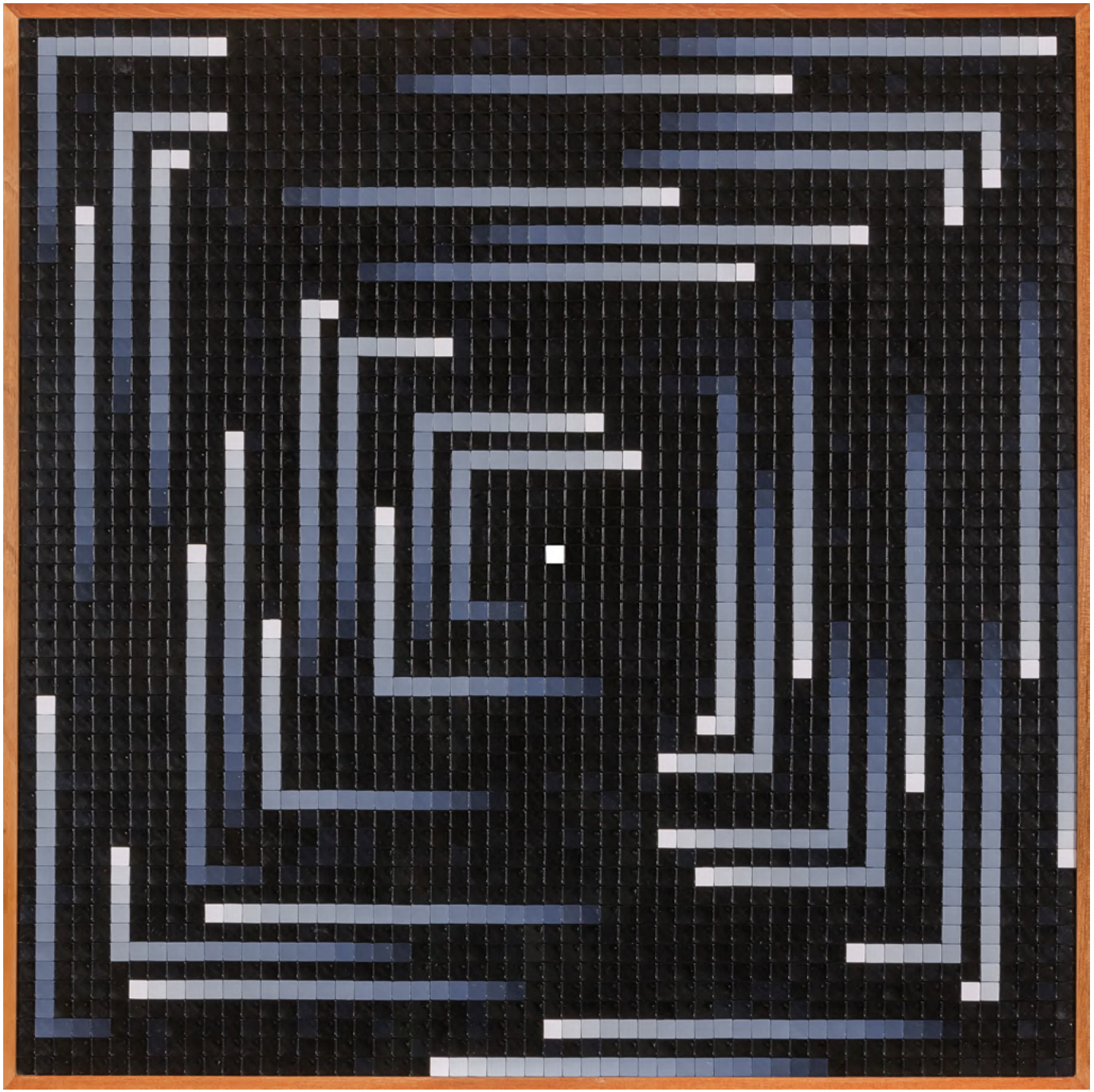

Heinz Mack
Sem título (Chromatic Constellation), 2014
tinta acrílica sobre tela
148 x 130 cm

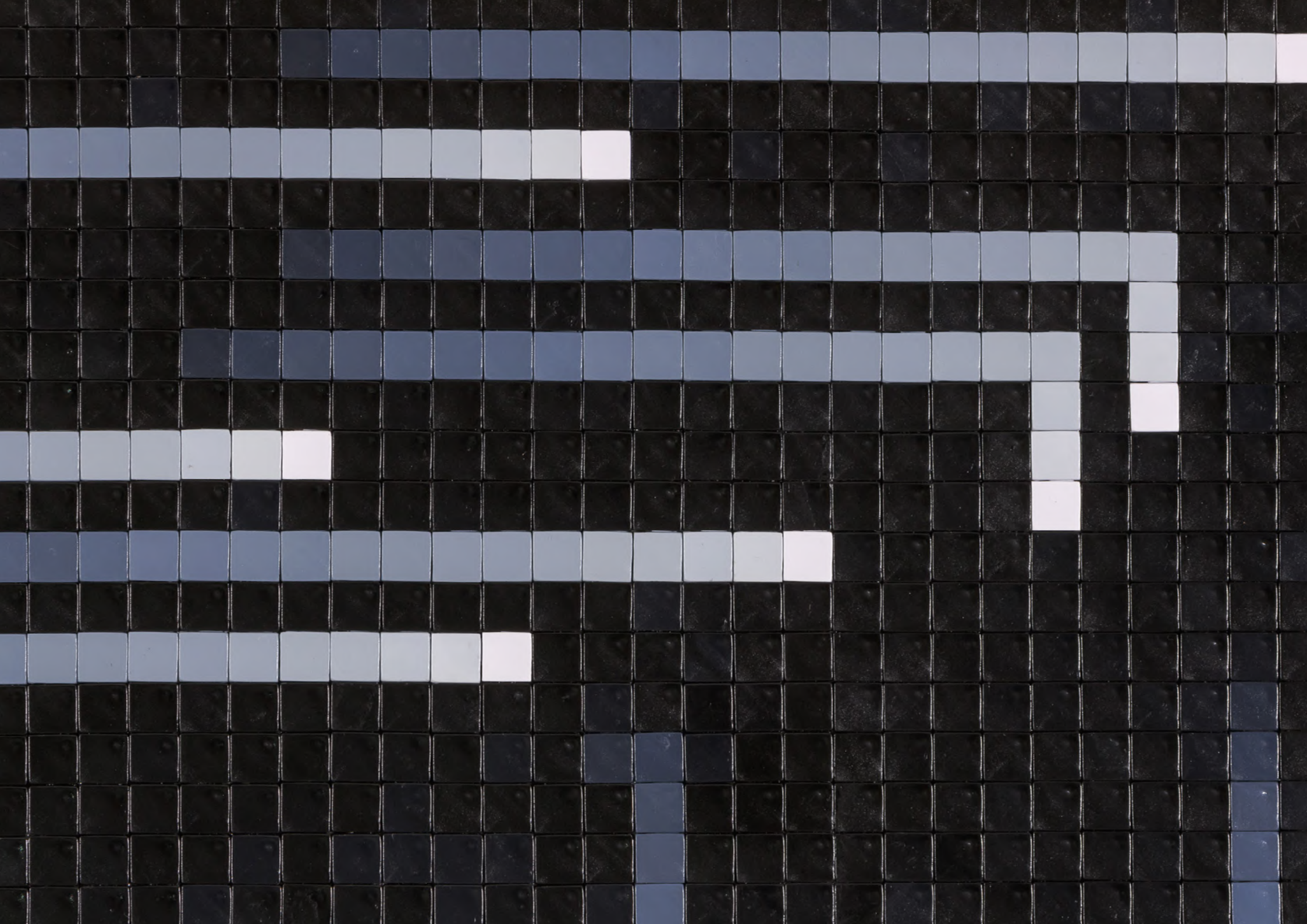


Andrés Michelena
« ahhhh » (È (At some point), 2026
prego e alfinete
3,5 x 5,5 x 0,03 cm



José Patrício
Circuito tonal XXII, 2024
peças de quebra-cabeças
de plástico sobre madeira
edição de 3 + 1 PA
81,5 x 81,5 cm





abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil — pioneiro em explorar as possibilidades criativas dos cruzamentos entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho Cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Ele também integrou, na década de 1950, o Grupo Frente, vertente do construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica e de críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: Outros Ritmos, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)*
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte, Brasil (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)*
- *Abraham Palatnik: Em movimento, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)*
- *Abraham Palatnik: Progression, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)*
- *Palatnik, une discipline du chaos, Galerie Denise René, Paris, França (2012)*

exposições coletivas selecionadas

- *Diálogos com cor e luz,* Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, SP, Brasil (2023)
- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift,* Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); *Garage Museum of Contemporary Art,* Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018);
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- Keiser William Museum, Krefeld, Alemanha

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo é figura central da arte brasileira do século XX, com uma trajetória de mais de cinco décadas marcada por investigações singulares no campo da escultura construtiva, posteriormente desdobradas em seus emblemáticos entrelaçamentos entre arte e natureza.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. Nos anos 1960 e 1970, desenvolveu trabalhos experimentais que exploravam as relações entre corpo e matéria, em diálogo com as inquietações políticas e sociais do período ditatorial brasileiro. A partir dos anos 1970, sua produção passa a incorporar materiais como pedras e conchas, recolhidos pela artista e explorados por suas texturas, cores e formas. Esse interesse se desdobra em trabalhos que aproximam arte e paisagem, enquanto sua pintura, marcada pela tendência à monocromia, revela uma investigação contínua sobre a cor e suas variações.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA(2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015*)*
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013*)*
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010*)*

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

jesús rafael soto

n. 1923, Ciudad Bolívar, Venezuela
m. 2005, Paris, França

Jesús Rafael Soto figura entre os fundadores da arte óptica e cinética internacional. Radicado em Paris a partir de 1950, o artista articulou os legados do construtivismo e do neoplasticismo para revolucionar a relação entre o espectador e o plano plástico. Ao incorporar o movimento virtual, o tempo e a sobreposição de superfícies — como planos de acrílico gravados, hastes metálicas suspensas e fundos estriados —, Soto desmaterializou a rigidez da escultura tradicional, demonstrando que a percepção espacial é um fenômeno instável e em transformação contínua.

Sua pesquisa poética desdobrou-se em séries emblemáticas como as *Estructuras cinéticas*, as *Escrituras* e, de forma monumental, os *Penetrables* (estruturas habitáveis constituídas por centenas de fios ou tubos flexíveis suspensos). Ao cruzar esses campos, o espectador deixa de ser mero observador e passa a integrar a própria matéria física e sensorial do trabalho. Articulando rigor conceitual e intuição cromática, a obra de Soto desativa verdades estáticas e transforma o espaço em um campo de energia onde vibração e presença dialogam de maneira coletiva.

exposições individuais selecionadas

- *Jesús Soto: cosmos en estado de vibración,* Museo de Bellas Artes, Caracas, Venezuela (2023)
- *Soto: La Cuarta Dimensión*, Guggenheim Museum Bilbao, Bilbao, Espanha (2019)
- *Jesús Rafael Soto: Une Rétrospective*, Musée Soulages, Rodez, França (2015)
- *Jesús Rafael Soto: Houston Penetrable*, The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2014)
- *Soto dans la collection du Musée national d'art moderne*, Centre Pompidou, Paris, França (2013)
- *Soto: A Retrospective Exhibition*, The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (1974); Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington D.C., EUA (1975)
- *Soto: Œuvres Actuelles*, Musée National d'Art Moderne – Centre Pompidou, Paris, França (1979)
- *Soto*, Stedelijk Museum, Amsterdã, Países Baixos (1969) / ARC – Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França (1969)

exposições coletivas selecionadas

- *Good Vibrations,* The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2025)
- *A Different Order: Utopian Geometry and Kinetic Art in Nouvel's Rooftop Terraces*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri, Espanha (2025)
- *12 ans d'art contemporain en France*, Galeries Nationales du Grand Palais, Paris, França (1972)
- 35ª, 34ª, 31ª, 30ª, e 29ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1970, 1968, 1962, 1960 e 1958)
- 7ª, 5ª e 3ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1963, 1959 e 1955)
- *documenta 3*, Kassel, Alemanha (1964)
- *Bewogen Beweging*, Stedelijk Museum, Amsterdã, Países Baixos (1961)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri, Espanha
- Fundación ARCO, Madri, Espanha
- Hokkaido Museum of Modern Art, Sapporo, Japão
- Galleria Nazionale d'Arte Moderna e Contemporanea, Roma, Itália
- Josef Albers Museum Quadrat, Bottrop, Alemanha
- Musée National d'Art Moderne – Centre Pompidou, Paris, França
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil

josé patrício

n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um "patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
  Infinitos Outros, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)
- *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
- *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina
m. 2026, Paris, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de sete décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações desafiam os limites tradicionais da pintura: ele utiliza suportes da tradição pictórica, como a tinta acrílica sobre tela, ao mesmo tempo em que incorpora processos cinéticos em *assemblages* e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: Light. Color. Action*. Tate Modern, Londres, Reino Unido (2026)
- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como "ampulheta", desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presentes em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Fluxos*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2025)
- *Triz*, CAPC, Coimbra, Portugal (2025)
- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *El Dorado: Myths of Gold,* Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- Exposición 13, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

raul mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, Raul Mourão é reconhecido por sua produção multimídia, que abrange desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances. A paisagem metropolitana, inicialmente a do Rio de Janeiro, constitui o ponto de partida de sua investigação sobre o espaço urbano, abordado a partir de um olhar permeado pelo humor crítico. Com base em observações do cotidiano, o artista desenvolve propostas que transitam entre o documental e a ficção. Por meio de materiais diversos, suas obras ressignificam os elementos visuais da cidade e estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Em 1989, realizou os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série Grades. A partir dos anos 2000, a pesquisa se desdobrou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *Gabinete de Curiosidades*, Galeria Gabinete, Parque Casa do Governador, Vila Velha, Brasil (2026)
- *Cage Head*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Lugar Geométrico*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012) Toque devagar, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Ala Mar, Cais das Artes, Vitória, Brasil (2026)*
- *Sculptures au Palais Royal: José Bechara, Raul Mourão et José Resende*, Palais Royal, Paris, França (2025)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
- Bienal de Vancouver 2014–2016, Canadá (2014)

coleções selecionadas

- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

carlos cruz-diez

n. 1923, Caracas, Venezuela
m. 2019, Paris, França

Carlos Cruz-Diez é um dos grandes protagonistas da arte óptica e cinética e um dos mais expressivos teóricos da cor do século XX. Sua pesquisa revolucionou a compreensão do fenômeno cromático, tratando a cor não como uma propriedade estática da matéria, mas como uma realidade autônoma e evolutiva que se revela no espaço e no tempo. Combinando o rigor de uma abordagem quase científica à sensibilidade intuitiva na escolha tonal, sua obra propõe eventos visuais desprovidos de símbolos ou narrativas, ancorados inteiramente no presente contínuo da percepção do espectador. Sua produção articula-se a partir do comportamento da cor — aditiva, subtrativa e reflexiva — desdobrando-se em séries emblemáticas como Physichromie, Induction Chromatique e Chromosaturation. Ao transferir sua pesquisa para a escala urbana e para o espaço público desde o final da década de 1960, Cruz-Diez transformou a experiência artística em um ato participativo e coletivo, onde o público descobre sua própria capacidade de ativar, modificar e vivenciar o espaço cromático.

exposições individuais selecionadas

- *Cruz-Diez. El color en movimiento,* Centre Pompidou Málaga, Málaga, Espanha (2024)
- *Carlos Cruz-Diez, Chromosaturation*, Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2022)
- *El Peso de la Forma: The Graphic Design of Carlos Cruz-Diez*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri, Espanha (2021)
- *Cruz-Diez: A Liberdade da Cor*, Centro Cultural Porto Seguro, São Paulo, Brasil (2019)
- *Cruz-Diez en noir et blanc*, Maison de l'Amérique Latine, Paris, França (2014)
- *Cruz-Diez: A cor no espaço e no tempo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2012)
- *Carlos Cruz-Diez. (In)Formed by Color*, Americas Society, Nova York, EUA (2008)
- 25ª Bienal de São Paulo (Pavilhão da Venezuela), São Paulo, Brasil (2002)
- *Apuntes sobre el Color*, Museo de Bellas Artes, Caracas, Venezuela (1993)
- 35ª Bienal de Veneza (Pavilhão da Venezuela), Veneza, Itália (1970)

exposições coletivas selecionadas

- *Plein soleil,* Centre Pompidou / De Renava, Bonifácio, Córsega, França (2025)
- *Color Everywhere*, Josef Albers Museum Quadrat, Bottrop, Alemanha (2025)
- *Electric Dreams*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Lo[s] Cinético[s]*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri, Espanha (2007)
- L*atin American Artists of the Twentieth Century,* Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (1993)
- *Contrastes de Forma: Arte Geométrica Abstrata 1910-1980*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (1986)
- *Vasarely: Ses Maîtres, ses Amis*, Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (1973)
- 9ª Bienal de São Paulo [Prêmio Internacional de Pintura], São Paulo, Brasil (1967)
- *Bewogen Beweging*, Stedelijk Museum, Amsterdã, Países Baixos (1961)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Centre Pompidou, Paris, França
- Museo de Arte Contemporáneo, Bogotá, Colômbia
- Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile
- The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA
- Wallraf-Richartz-Museum, Colônia, Alemanha

lucia koch

n. 1966, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Dan Cameron, a artista "é uma escultora, antes de mais nada, e por isso as obras que cria demandam um grau de materialidade para poder existir". A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas
- *People and Natural Numbers*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2025)
- *Double Trouble*, Palais d'Iéna, Paris, França (2022)
- *PROPAGANDA*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2021)
- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019)
- *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
- *A longa noite*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2018)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones, Flora ars + natura*, Bogotá, Colômbia (2014)
- *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas
- *Anatomy of Presence*, Schauwerk Sindelfingen, Sindelfingen, Alemanha (2026)
- Islamic Arts Biennale 2025, Jeddah, Arábia Saudita (2025)
- 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
- *Open Spaces Kansas City Arts Experience*, Kansas, EUA (2018)
- *2nd Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
- C*ruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
- 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
- 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
- 8ª Bienal do Mercosul, Brasil (2011)
- Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
- 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
- 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

coleções selecionadas
- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo de sua carreira, Heinz Mack desenvolveu uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Günther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve uma relação próxima com Yves Klein, com quem desenvolveu uma sólida amizade e colaborou em diversas ocasiões. Foi Klein quem lhe apresentou Jean Tinguely, ampliando seu contato com um universo de experimentações que contribuiria para sua busca pela pureza estética e pelo essencial. O próprio artista sintetiza: "O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos."

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista desenvolve de forma rigorosa e arguta um conjunto de obras multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *Heinz Mack: Color in Forma*, Palazzo Bembo, Veneza, Itália (2026)
- *Heinz Mack*, Fondation Le Corbusier, Paris, França (2025)
- *The Light in Me*, Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
- *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, evento paralelo à 59ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2022)
- *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture, 1994–2016*, Palais Schönborn-Batthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *1950-2006*, Pergamon Museum, Berlim, Alemanha (2006)

exposições coletivas selecionadas

- *ZERO – An international artists' movement*, Olaf Gulbransson Museum, Tegernsee, Alemanha (2026)
- *Electric Dreams: Art and Technology before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, The George Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950's–60's*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
- 35ª Bienal de Veneza, Itália (1970)
- Documenta II (1959) e Documenta III (1964), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA
- Walker Art Center, Minneapolis, EUA

cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, Brasil
vive e trabalha em Montevidéu, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarras*. Nela, Cao se volta à cultura do improviso e à prática de atribuir novas funções a objetos de maneira criativa para solucionar problemas do cotidiano. Apesar da natureza estática da fotografia, a serialidade de seus trabalhos permite criar sequências e justaposições de imagens fixas que remetem a aspectos narrativos do cinema.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

clique para saber mais

exposições individuais selecionadas

- *E assim por diante*, Museu da Imagem e do Som, Fortaleza, Brasil (2025)
- *Cao Guimarães – Ciclo de filmes*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2020)
- *Espera*, Instituto Moreira Salles – Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Habitando el futuro: Naturaleza arquitecta*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina (2026)
- *Glitter*, Museum fur Kunst und Gewerbe, Hamburgo, Alemanha; Gewerbemuseum Winterthur, Winterthur, Suíça (2025)
- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, II Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

coleções selecionadas

- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

jose dávila

n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em xeque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Natural Forms*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2026)
- *Las Piedras Saben Dormir,* EstaciónMAZ - Museo de Arte de Zapopán, Zapopán, México (2025)
- *El pasado nunca es el mismo*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2024)
  Um pirata, um poeta, um peão e um rei, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar,* Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies,* Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña,* Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi,* Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant,* Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment,* Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2015)
- *Walking Through Walls,* Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s,* Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere,* Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art,* Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

coleções selecionadas

- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha

jac leirner

n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Através da sua aproximação pós-conceitual ao fazer artístico, o trabalho de Jac Leirner parte de uma habilidade magistral na articulação de objetos específicos, coleções e arquivos. Trata-se do acúmulo de lembranças, coisas deslocadas de seus contextos originais. Aqui, as funções simbólicas desses objetos ganham novas dinâmicas. Seu trabalho organiza vícios, utensílios e ferramentas, papéis oficiais, invólucros e parafernália de museus de acordo com lógicas internas desses materiais.

Seriação, modulação e padronização são métodos que assumem esses objetos como matrizes construtivas de linguagem. Jac tem como princípio a apresentação de coisas, onde a textura material da vida cotidiana ganha um novo corpo que assume a aura da arte.

exposições individuais selecionadas

- *Jac Leirner*, The Swiss Institute, Nova York, EUA (2023)
- *Wolfgang Hahn Prize*, Ludwig Museum, Colônia, Alemanha (2019)
- *Institutional Ghost*, IMMA – Irish Museum of Modern Art, Dublin, Irlanda (2017)
- *Add It Up*, The Fruitmarket Gallery, Edimburgo, Escócia (2016)
- *Jac Leirner: Borders are drawn by hand*, Museum of Contemporary Arts of Shangai, Xangai, China (2016)
- *Functions of a Variable*, Museo Tamayo, Cidade do México, México (2014)
- *Jac Leirner,* Estação Pinacoteca, São Paulo, Brazil (2011)
- Ad Infinitum, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil (2002).

exposições coletivas selecionadas

- *The past, the present, the possible*, Sharjah Biennial 12, Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2015)
- 10ª Bienal do Mercosul, Mensagens de uma nova América, Porto Alegre, Brasil (2015)
- 12th Istanbul Biennial, Istambul, Turquia (2011)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 7ª Bienal de la Habana, Havana, Cuba (2000)
- 47ª Biennale di Venezia, Veneza, Itália (1997)
- *Documenta IX*, Kassel, Alemanha (1992)
- 20ª Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil (1989)
- *Aperto 90,* Biennale di Venezia, Veneza, Itália (1990)
- *Arte e Videotexto*, XVII Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1983)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, EUA
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington, EUA
- Ludwig Museum, Colônia, Alemanha
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha
- Museo Tamayo, Cidade do México, México
- Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

magdalena fernandez arriaga

n. 1964, Caracas, Venezuela
vive e trabalha em Caracas, Venezuela

Magdalena Fernández é apontada pela crítica como uma das principais herdeiras e renovadoras do cinetismo e do abstracionismo geométrico venezuelano. Após uma formação multidisciplinar que abrange Matemática, Educação Física e Desenho Gráfico, a artista construiu uma obra que desloca a rigidez da geometria moderna para um campo orgânico, utilizando luz, som, vídeo e instalações para traduzir a instabilidade e os ritmos do mundo natural. O núcleo de sua poética consiste em dar forma e movimento ao imaterial, transformando rigor matemático em experiências sensoriais. Através de elementos mínimos, como cabos de aço, luzes pontuais, linhas projetadas e sons orgânicos abstratos, Fernández cria estruturas flexíveis que habitam e redefinem o espaço expositivo. A obra convida o público a uma experiência na qual a geometria perde sua rigidez estática e passa a pulsar, evocando a impermanência da matéria e as percepções do tempo e do espaço.

exposições individuais selecionadas

- *Vínculos,* Centro de Arte Los Galpones, Caracas, Venezuela (2025)
- *Pinturas móviles corporales*, Centro Cultural Clavijero, Morelia, México (2023)
- *Magdalena Fernández: Ecos*, Museo Amparo, Puebla; Museo de Arte Carrillo Gil, Cidade do México, México (2019)
- *Video Crossings: Magdalena Fernández*, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Magdalena Fernández,* MOCA Pacific Design Center, Los Angeles, EUA (2015)
- *Magdalena Fernández*, Instituto de Canarias Cabrera Pinto, Tenerife, Espanha (2014)
- *2iPM009*, Museum of Latin American Art (MOLAA), Long Beach, EUA (2012); Patricia & Phillip Frost Art Museum (FIU), Miami, EUA (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Transgresoras: Arte Postal y Mensajes*, décadas de 1960 a 2020, California Museum of Photography, Universidade da Califórnia, Riverside, EUA (2025)
- *An Ethics of Light: An Assembly by Women Artists en (In)visible Processes*, Lethaby Gallery, Central Saint Martins, Londres, Reino Unido (2021)
- *Ideas para Monumentos en homenaje a las heroínas y héroes desconocidos*, Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina (2020)
- *22nd Islamic Arts Festival*, Sharjah Art Museum, Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2019)
- *Pacific Standard Time: LA/LA – Video Art in Latin America (Getty Research Institute)*, LAXART, Los Angeles, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2015)
- *Beyond the Supersquare*, The Bronx Museum of the Arts, Nova York, EUA (2014)
- 53ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2009)

coleções selecionadas

- Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Contemporary Art (MOCA), Los Angeles, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri, Espanha
- Blanton Museum of Art, Austin, EUA
- Centre d'Art Contemporain Frank Popper, Marcigny, França
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela / Nova York, EUA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Muzeum Sztuki w Łodzi, Łódź, Polônia
- Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA

andrés michelena

n. 1963, Caracas, Venezuela
vive e trabalha em North Miami Beach, EUA

Com formação inicial em Arquitetura pela Universidad Central de Venezuela e Bacharelado em Artes Plásticas pelo Instituto Federico Brandt, Andrés Michelena desenvolve uma obra focada na investigação do conceito filosófico do vazio (void) e nas falhas da linguagem. Em vez do suporte tradicional da pintura, seu trabalho estrutura-se através de instalações, objetos e intervenções espaciais que empregam elementos mínimos — como pregos, linhas esticadas, papelão, madeira de reuso e textos impressos — para materializar a tensão entre presença e ausência.

Partindo da premissa de que a palavra escrita ou dita se afasta da matéria que tenta nomear, a produção de Michelena utiliza a ironia e os jogos de linguagem como ferramentas formais. O rigor espacial herdado da arquitetura traduz-se em construções tridimensionais que desafiam o minimalismo clássico e a geometria abstrata latino-americana, transformando o espaço expositivo em um campo onde o visível e o invisível dialogam sobre o que escapa à tradução do olhar.

exposições individuais selecionadas

- *That's Not What We're Going To Take Care Of Now, (Although it Doesn't Mean We Won't Give it a Couple of Spins Later)*, Trinta Galeria, Santiago de Compostela, Espanha (2024)
- *Incoherences,* SLATO-PARRA Galerie, Paris, França (2023)
- *the two*, Piero Atchugarry Gallery, Miami, EUA (2020)
- *¡Los artistas no trabajan, yo solo trabajo con artistas!*, Trinta Galeria, Santiago de Compostela, Espanha (2019)
- *Elíptico, Sala Mendoza + Henrique Faria Fine Art*, Caracas, Venezuela (2016)
- *Impermanence*, Museum of Contemporary Art Jacksonville, Jacksonville, EUA (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *The Light of the World*, Olga M. and Carlos A. Santiago Gallery (Belen Jesuit Preparatory), Miami, EUA (2026)
- *Poéticas visuales, arte concreto y minimalismo latinoamericano*, Museo de Arte del Tolima MAT, Tolima, Colômbia (2024)
- *Signs, Abstractions & Metaphors*, Juan Carlos Maldonado Art Collection, Miami, EUA (2022)
- *Illuminations*, Miami Biennale, Miami, EUA (2015)
- *Cartografías Meridionales*, Museo de Arte Contemporáneo de Rosario, Rosário, Argentina (2009)

coleções selecionadas

- Museum of Latin American Art (MOLAA), Long Beach, EUA
- Miami Dade College's Art Collection, Miami, EUA
- Juan Carlos Maldonado Art Collection (JCMC), Miami, EUA
- D.C. Art Foundation (DC Foundation), Miami, EUA
- Fuentes Angarita Collection, Miami, EUA

nara roesler

50

são paulo
avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor, 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art
www.nararoesler.art